KOWALSKI, Andreas. 2008. *Tu és quem sabe: Aukê e o mito canela de ajuda aos índios*. Brasília: Paralelo 15.

Eduardo S. Nunes
Mestrando – PPGAS-DAN/UnB

O livro "Tu és quem sabe" é a publicação póstuma da tese de doutorado, defendida em 2004, do alemão Andreas Kowalski, falecido em setembro de 2006, no acidente do vôo 1907, da Gol. O trabalho é fruto de uma etnografia desenvolvida paralelamente ao engajamento do autor com os Canela, grupo Timbira (Jê) situado no estado do Maranhão, como coordenador do projeto de cooperação entre o *Lateinamerika-Zentrum e.V. Bonn* (LAZ) e tal grupo. Mais precisamente, o trabalho é uma etnografia da forma como os Canela compreendem o engajamento de não-indígenas na "ajuda aos índios". Se o envolvimento de múltiplas instituições e pessoas, nacionais ou estrangeiras, nas causas indígenas é expressão e parte de um processo de valorização da diferença a nível global e de defesa dos direitos das minorias étnicas deflagrado ainda nos anos de 1970, qual o significado, para esse grupo indígena, da vinda de um branco de terras tão distantes quanto a Alemanha com o intuito de ajudá-los? Por essa via, Kowalski tenta desvendar quais as questões específicas aos modos de pensamento e ação canela responsáveis pelas múltiplas dificuldades e entraves presentes na execução de "projetos" junto ao grupo e insucessos resultantes. "Projeto" tornou-se, em anos recentes, um termo extremamente difundido entre os povos indígenas em território hoje brasileiro, mas nossas reflexões sobre o que precisamente os índios querem dizer com isso ainda carecem ir mais além, adensando a idéia professada por muitos de que se refere à captação de recursos não-indígenas. "Tu és quem sabe" é um interessante esforço nesse sentido.

Tomemos um exemplo para ilustrar as dificuldades encontradas na implementação de projetos entre os Canela. Em 1996, Kowalski (ou Kapreprek, como os Canela o nomearam) iniciou a coordenação de "um projeto que previa a instalação e operação de uma estação odontológica e odontotécnica" na aldeia Ponto (: 30). A iniciativa encontrava respaldo na comunidade, pois a implantação (e manutenção) de próteses dentárias sanaria uma dificuldade por parte de alguns indígenas em comer carne, uma dimensão fundamental da vida dos Canela. Durante as negociações com o conselho dos idosos em torno do projeto e sua execução, os índios pareciam estar resignados em conceder ao cooperador a última palavra nas discussões: ao fim de cada rodada de negociações os Canela o concediam essa primazia

dizendo “tu és quem sabe”. Apesar de muitas dificuldades – pois o conselho dos idosos frequentemente voltava atrás em suas decisões e paralisava as atividades –, o projeto foi implementado. Um Canela foi treinado na Alemanha, a estação foi construída e o técnico iniciou suas atividades na aldeia, recebendo pelos serviços prestados. Algum tempo depois, quando Kowalski retornou a aldeia, ele encontrou o trabalho interrompido em função de uma decisão do conselho dos idosos de transferir a chave da estação e a responsabilidade de abri-la do protético para outro indígena. E assim, no final, ficou o projeto. Em suma, “a pré-compreensão conjunta, alcançada no diálogo, e as medidas só eram realizadas em conformidade com os acordos, à medida em que havia cooperadores *in loco* que cuidavam da transferência de dinheiro, dos recursos e de conhecimento. Quando um projeto estava concluído e o coordenador não-indígena se retirava, as medidas iniciadas eram interrompidas ou não surtiam efeitos duradouros” (: 140).

Se a reação de Kapreprek, em muitos momentos, assim como de outros colaboradores, foi de frustração, como os Canela compreendiam esse diálogo? Para os indígenas, existe uma diferença fundamental entre eles próprios e os brancos – uma “barreira cultural” instransponível –, que era expressa em vários momentos ao longo da implementação do projeto pelo contraste entre a “lei dos brancos” e a “lei dos Canela”. E essa diferença era rebatida sobre sua expectativa quanto às formas de execução das ações: se para os cooperadores tratava-se de chegar a um *acordo* sobre quais ações serem implementadas e de que maneira, a “atitude fundamental” dos Canela era de que “índios e brancos devem atuar na cooperação para fins humanitários de acordo com as suas respectivas ‘regras culturais’” (: 151).

É através de uma reflexão sobre o famoso mito de Aukê – tratado como “um sistema de pensamento e também como uma das ‘regas dos Canela’ para lidar com a ‘ajuda aos índios’” (: 169) – que o autor chega a um princípio de pensamento e ação canela que subjaz essa concepção. Kapreprek faz uma muito competente e detalhada análise na qual relaciona as várias versões do mito de Aukê, registradas por diferentes pesquisadores em diferentes épocas, com as oscilações na capacidade de acesso dos Canela ao mundo e aos objetos dos brancos decorrentes de diferentes momentos históricos. Se a estrutura do mito permanece a mesma, no seu desfecho, Aukê transforma-se de um criador de cultura, a um distribuidor de cultura (o evento da “má escolha” entre o arco e a espingarda) e, por fim, a um re-distribuidor (o movimento messiânico). Para Kowalski, “estamos diante da intepretação mítica da história dos contatos entre os Canela e os brancos” (: 207).

Um importante elemento para pensar essas variações do mito em função da história das relações com os brancos é “a visão muito peculiar que os Canela tem até hoje de seu entorno: os ‘Canela” (*mehin*) se vêem a si mesmos e a sua ‘comunidade’

(*amji cuton*) cercada por uma 'floresta indevassável' (*aket*), o entorno real. Através dela, passa uma 'via espinhosa' (*prykire*) para os lugares desconhecidos do mundo" (: 239). É num desses lugares que vive hoje Aukê, e é por essa "via espinhosa" que os brancos que ele envia chegam até os Canela para ajudá-los. Assim, há uma interessante inversão entre o movimento messiânico e a "ajuda aos índios". Em vistas da dificuldade de acesso ao mundo e aos bens dos brancos, ou seja, a dificuldade da travessia da "via espinhosa", a solução encontrada pelo movimento messiânico foi uma inversão de posições entre índios e não-índios. Mais recentemente, entretanto, "em virtude da 'ajuda aos índios' a 'via espinhosa' perdera crescentemente seus espinhos e agora era bem transitável também para os brancos. Para os Canela, isso significou que a transferência ao mundo dos brancos para ter acesso aos recursos nele disponíveis, não mais era uma necessidade incondicional" (: 244).

É ainda do mito de Aukê que o autor retira uma questão central: "a unidade dos opostos". "Aukê encarna oposições que são parte integrante do mundo Canela [vivo/morto ou índios/brancos, por exemplo]. [...] Ele encarna os opostos separada – um ou outro – e simultaneamente – um e outro" (: 223). "Com isso, [ele] encarna tanto as oposições quanto a unidade" (: 225). Esse "princípio de pensamento e ação", entretanto, é "um fator frequente na cultura dos Canela" (: idem), que pode ser encontrada em várias outras instâncias da vida do grupo – a relação entre os heróis criadores *Pyt* (Sol) e *Pytwry* (Lua), as oposições mulheres/homens e público/privado na organização sócio-espacial da aldeia, os dois grupos que se enfrentam nas corridas de toras, etc.

É esse princípio que subjaz a percepção que os Canela tem da "ajuda aos índios". Enquanto que para os cooperadores não-indígenas, o que estava em questão era a produção, em diálogo, de um consenso que vistas a ação conjunta, o interesse Canela era que índios e brancos trabalhassem segundo suas próprias "leis culturais", não estando preocupados em obliterar sua diferença/distância em relação aos brancos. A dualidade índios-brancos, assim, se faz sempre presente, ao mesmo tempo em que existe em função de uma unidade de ação: a cooperação. "A oposição geradora das respectivas tensões não necessariamente exige a dissolução ou a inversão das mesmas, mas é reconhecida como útil e provedora de sentido e suportada com serenidade" (: 248). Essa descrição do princípio da "unidade dos opostos" ressoa com outros esforços de pensar o dualismo Timbira. Assim, Julio Cezar Melatti fala de "oposições de oposições": "a quase toda oposição que afirma uma diferença entre dois elementos corresponde uma outra que afirma a igualdade entre esses mesmos elementos" (em "O sistema de parentesco dos índios Krahó", *Série Antropologia*, n. 3. Brasília, UnB, 1973, pg. 5). Gilberto Azanha, por sua vez, leva essa reflexão um passo adiante, enfatizando que a dialética Timbira não é hegeliana, porque a

diferença entre os termos nunca é suprimida por uma síntese: “Se o dado é já uma diferença (como reconhece Melatti) então eu só posso acentuá-la mostrando seu inverso – porque justamente não se quer suprimir esta diferença” (em “A forma Tibira: estrutura e resistência”. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 1984, pg. 26).

E o que fazer com a idéia de “sustentabilidade”? Kowalski nos mostra que os projetos só caminhavam no rumo acordado em diálogo enquanto os cooperadores se encontravam na aldeia, negociando com os Canela e ouvindo sempre como resposta “tu és quem sabe”. Quando os cooperadores saem da área indígena, porém, os Canela se apropriam dos recursos e conhecimentos disponibilizados pelo projeto “segundo as regras específicas da própria cultura” (:260), submetendo as iniciativas a uma lógica que, até agora, significou seu fracasso, ou seja, sua não continuidade. Assim, o “sucesso” dessa cooperação é mesmo dependente “da manutenção de uma ilusão”: da suposição de que a transposição da “barreira cultural” para fins de uma ação conjunta é possível (:73). “Sucesso” e “fracasso”, vale notar, do ponto de vista dos brancos.

E que lições podemos tirar das conclusões de Kapreprek? “Tu és quem sabe” é um desses livros (aparentemente) modestos, sem grandes discussões teóricas, definidos pelos autores como uma tentativa de “apenas” compreender o ponto de vista de um determinado grupo sobre uma questão específica. Lido de uma maneira rápida, ele pode mesmo parecer assim, mas uma leitura mais detida pode nos levar a reflexões e questionamentos bem mais amplos. É inegável que, hoje, o mercado de projetos é uma dimensão fundamental do engajamento de muitos povos indígenas com o mundo dos brancos. Ao falar genericamente de “ajuda aos índios”, e pensar conjuntamente fenômenos aparentemente bastante diferentes, como as doações de presentes do SPI ainda nas primeiras décadas do século XX, o movimento messiânico Canela da década de 1960 e o desenvolvimento de projetos junto a essa comunidade em anos recentes, Kowalski sutilmente nos conduz do desejo indígena por objetos dos brancos a uma teoria indígena (que é, simultaneamente, um modo de ação) da relação entre índios e brancos. O mito de Aukê lhe permite (nos permite) pensar como a diferença entre estes três fenômenos parece se dever a uma atualização pelos Canela de um mesmo modo de relação e princípio de ação (o da “unidade dos opostos”) em contextos históricos e políticos diversos.

Se pensamos a partir de um plano mais abstrato, qual seja, uma teoria indígena da relação entre índios e brancos, não poderia a “ajuda aos índios” ser pensada como uma manifestação particular dessa “teoria”? Nos últimos 30 anos, o contexto do “contato” se complexificou de maneira notável, bem como a produção antropológica sobre o tema se transformou muito. E se, por um lado, algumas “linhas” de pesquisa (talvez fosse mais apropriado falar de “temas”) consolidaram campos

de diálogo, como, por exemplo, os estudos sobre educação, saúde, projetos ou engajamento econômico/consumo, as muitas ressonâncias que encontramos nas conclusões a que os(as) pesquisadores(as) destes temas diversos chegam a respeito do que está em jogo para os grupos específicos, me levam a pensar que talvez ainda nos reste fazer uma reflexão mais densa sobre o que é, hoje, isso que chamamos de "contato interétnico".

O que estou sugerindo, é que compreender melhor as teorias indígenas da relação entre índios e brancos pode nos ajudar a pensar algumas complexidades envolvidas nessas situações que têm sido abordadas (quando são) nas reflexões sobre escolarização, projetos, consumo, etc. (note-se, engajamentos *práticos* em relação ao mundo dos brancos), de maneira tangencial. Como lembra Kowalski, as dificuldades de implementação de projetos e a aparente incapacidade dos Canela de os gerirem por si sós foram pensadas por alguns colaboradores primariamente como *dificuldades*, ao passo que o autor mostra como são consequências da maneira como os Canela entendem a "ajuda aos índios" e agem nesse contexto. A sugestão que, penso, nos deixa Kapreprek, é que, para os Canela, o que estava em jogo no projeto acima referenciado, seu interesse maior, não era a correção de problemas dentários, como era para os cooperadores alemães. Assim como, estendendo o raciocínio, o que está em jogo nas escolas indígenas pode não ser a apreensão de conhecimento tal como pode ser medido por nossos métodos de avaliação, ou, no caso do consumo, a obtenção e usufruto das mercadorias. Isso sem ignorar, é claro, que a funcionalidade que atribuímos a essas coisas tem sim relevância para os indígenas: ter dentes para comer carne é uma questão fundamental para os Canela, e os cooperadores alemães bem sabem disso. Talvez apenas esse não seja o ponto central para os indígenas, como o insucesso do projeto fornece uma pista.

O que interessa aos Canela, então? O livro de que aqui tratamos traz algumas indicações de resposta que ressoam com o que, lentamente, tem aflorado em diversas etnografias. Se o diálogo em torno dos projetos não é efetivo – se trata-se de uma ilusão, como diz Kowalski – e se, ainda assim, as relações de "ajuda aos índios" persistem, é porque, do ponto de vista indígena, essas incompatibilidades de interesses disfarçadas de diálogo, esses equívocos, são antes *motores* que impedimentos para as relações. Essa consideração não coloca sobre suspeita a natureza mesma disso que ainda hoje chamamos de "contato interétnico"? Pois entre os Canela, como por toda parte, os brancos, antes de serem agentes do Estado, antropólogos, fornecedores de bens, médicos, educadores, etc., são brancos, i.e., uma figura da alteridade. O deslocamento sutil que "Tu és quem sabe" promove do interesse indígena pelos objetos dos brancos para a *teoria indígena da relação entre índios e brancos* parece ser a chave para nossa questão. Como ponto de partida, é necessário mergulhar os não-indígenas no panorama mais amplo das *relações com a alteridade*, lugar que lhes pertence, e tirar disso todas as consequências.